

## Biblio/midia/multi(tecas): sucedâneas, limítrofes ou amálgamas?

### RESUMO

Olira Saraiva Rodrigues  
[olirarodrigues@gmail.com](mailto:olirarodrigues@gmail.com)  
Universidade Estadual de Goiás.  
Anápolis, Goiás, Brasil.

Este artigo objetiva versar sobre contextos contemporâneos culturais, no que concerne aos espaços de leitura (bibliotecas, midiatecas e multitecas), mediante novas configurações de acesso e compartilhamento de conteúdos. Metodologicamente, a pesquisa se pauta em estudo bibliográfico e descritivo, de abordagem qualitativa em análise diacrônica. Partindo das duas primeiras instituições legitimadas, a partir de um estudo antológico das principais bibliotecas registradas mundialmente – século III a. C. –, a Biblioteca de Alexandria e a Biblioteca de Pérgamo, a análise salta para o contemporâneo, discutindo a lógica de disponibilização de materiais de leitura na caracterização não somente espacial e física, mas em sua funcionalidade, pelas diversidades de tecas (coleções), diante das demandas da contemporaneidade. Nesse sentido, o *lócus* de leitura não se refere simplesmente à materialidade livresca, mas a toda compilação de registros de dados em inúmeros e diversificados suportes, sejam físicos, eletrônicos ou digitais, ampliando a noção de posse e guarda para acesso e compartilhamento os acervos e serviços. A proposta neste estudo é, também, analisar os espaços das tecas de leitura, culminando no conceito de multitecas – tão incipiente e escasso de configurações formalizadas, devido, justamente, ao recente surgimento em caráter inovativo –, discutindo tendências e desafios mais significativos com o acesso às tecnologias emergentes, impactando as formatações das bibliotecas do século XXI. Para tanto, o escrito busca esclarecer que adaptações a esses espaços se tornaram prementes para se pensar, estudar, analisar e implantar projetos de espaços dessa natureza aos padrões do modelo de uma biblioteca contemporânea, com todas as inovações tecnológicas desse tempo incorporadas a esses novos projetos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bibliotecas. Midiatecas. Multitecas.

## SEMEADURA

A vida é um livro de leitura contínua e constante. Lê-se em todo o tempo e lugar o mundo. O processo de leitura não se restringe a escritos verbais, muito menos à materialidade livresca. Para tanto, os espaços de leitura tratados neste estudo não reconhecem uma visão de uma leitura circunscrita em materiais escritos, simplesmente, mas em conexão com todas e quaisquer mídias.

A seiva que nutre esta pesquisa define-se, primeiramente, pelo estudo de espaços singulares, caracterizados por bibliotecas, datados e analisados em sua historicidade, na consideração da emergência representativa, com base em um momento histórico inicial, demarcando o surgimento e legitimação e, posteriormente, em outro momento contemporâneo, diante de um contexto tecnológico.

Para tanto, desbravar os espaços de leitura, configurados em naturezas diversas, com características singulares, monofônicas e polifônicas, includentes e excludentes, em tempos e espaços distintos, torna-se necessário no intuito de se compreender a relação desses espaços com os novos contextos contemporâneos, diante de seus propósitos.

Assim, o passeio proposto nessa leitura propõe um desfrutar os jardins das tecas de leitura, que trazem um aroma fresco de configurações possíveis que percorrem desde as bibliotecas físicas, também conhecidas como bibliotecas tradicionais, às bibliotecas digitais, midiatecas e multitecas.

### 1. PLANTIO - ALEXANDRIA E O PAPIRO - PÉRGAMO E O PERGAMINHO

A escrita propõe um estudo antológico das duas primeiras principais bibliotecas registradas mundialmente – a partir do século III a. C. –, a Biblioteca de Alexandria e a Biblioteca de Pérgamo. Enquanto célebres bibliotecas da história da humanidade, foram consideradas os centros do saber da antiguidade.

Ambas datadas em períodos anteriores ao livro impresso receberam o nome de biblioteca, pela etimologia da palavra, original do grego *bibliotheke*, derivada de *biblion*, que significa “papel ou rolo com escrita” e *theca*, significando depósito<sup>1</sup>. Se na atualidade *biblio* refere-se a livro, no início de sua concepção se restringia a papiros, pergaminhos e a toda espécie de materiais escritos, que antecederam a impressão do livro.

E, de acordo com Cunha (1997), a palavra biblioteca é originária do grego *bibliotheke*, que nos chegou por meio da palavra em latim *bibliotheca*, derivada dos radicais gregos *biblio* e *teca* que, respectivamente significam livro e coleção ou depósito (CUNHA, 1997). Nesse sentido, em grego, biblioteca refere-se ao início de sua concepção. Já, em latim, a partir da existência do livro impresso.

Somente em meados do século XV, mais precisamente em 1454, que Gutenberg inventa a imprensa, trazendo, assim, a agilidade na produção dos primeiros livros impressos, conhecidos por incunábulo<sup>2</sup>.

Resultado final de longa evolução técnica, a imprensa não tem, ao aparecer, caráter revolucionário: sua finalidade era apenas executar o trabalho do copista de maneira mais rápida e econômica. Os primeiros livros impressos — “incunábulo” — procuram não quebrar

tradições, adaptando as convenções existentes à nova técnica: são, por assim dizer, "manuscritos impressos" (LECOQC-MULLER, 1951, p. 4, grifos da autora).

Os incunábulos subsistem 50 anos desde a invenção da imprensa, para, posteriormente, alcançar o formato e nomenclatura livro. A primeira obra impressa foi a Bíblia, enquanto incunábulo.

Figura 1: Página da Bíblia impressa por Gutenberg em 1456.



Fonte: LECOQC-MULLER, 1951, p. 5

A Biblioteca de Alexandria foi a maior e mais importante biblioteca do mundo antigo, construída em Alexandria, Egito. Essa biblioteca pertencia ao império macedônico, situada a oeste do Rio Nilo, às margens do Mediterrâneo e esteve em funcionamento por seiscentos anos, sendo destruída definitivamente entre os anos de 250 d.C a 270 d.C (FLOWER, 2002).

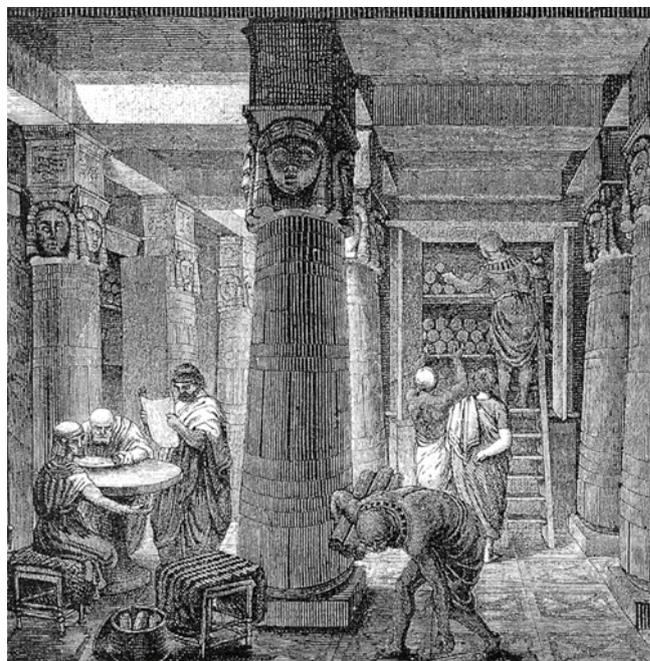
Numa versão mais prosaica, seus conselheiros (Alexandre Magno) teriam observado que uma cidade construída em uma faixa de terra entre o mar e o Lago Mareótis logo atrás teria a) acesso fácil ao Nilo e ao Delta e b) uma fonte permanente de água doce, vital para o projeto. E ao construir uma estrada elevada para a Ilha de Faro, ele poderia, sem muito esforço, ter o maior e melhor porto da bacia oriental do Mediterrâneo, abrigado dos ventos etesianos e das perigosas correntes do oeste (FLOWER, 2002, p. 13).

Como um espaço considerado atualmente patrimônio científico, histórico e cultural, a Biblioteca de Alexandria continua um vasto acervo de aproximadamente

400.000 (quatrocentos mil) rolos de papiro, incentivando o espírito investigativo de cientistas e literatos da época, representados por uma minoria de sábios e da elite intelectual. De acordo com Flower (2002), a biblioteca foi conceituada como:

(...) um centro de cultura e pesquisa em Alexandria que rivalizaria com os de Atenas, Pérgamo e Cirene, e transformaria a cidade no epicentro da erudição. O resultado foi a formação do que se tornaria a primeira grande biblioteca e centro de pesquisa internacional. Abrigado ao recinto real, o acesso ao Museu e à Biblioteca era limitado de início aos convidados do rei. Mas rapidamente, à medida que o número de rolos e códices cresceu e que sábios locais e estrangeiros eram convidados a estudar ali, o local se transformou em um lugar de estudo público para eruditos reputados (2002, p. 25).

**Figura 2:** Interior da Biblioteca de Alexandria



Fonte: Tolzmann et al (2001)<sup>3</sup>

O desenho representado na Figura 2 simboliza uma noção de como era seu interior e como os papiros se acomodavam, bem como, como os leitores desfrutavam de seu acervo. Em primeira instância, as bibliotecas mantinham-se fechadas, com somente uma pequena parcela da sociedade tendo acesso a elas. Enquanto depósitos, um espaço muito mais de esconderijo que revelação, bem como um ambiente de silêncio. Assim, vinculavam-se a algo sagrado, como os próprios mosteiros e conventos.

Em um segundo momento, caracterizavam-se enquanto lugar de estudo, no entanto, em ambos os casos, os silêncios prevaleciam e permaneciam taciturnamente. Por esse motivo, a biblioteca adquire um novo conceito, de não se restringir a guardar e armazenar somente, mas possibilitar o acesso à informação, propiciando sua expansão em ritmo acelerado nos séculos que se sucederam.

Mesmo, atualmente, considerada a mãe das bibliotecas e precursora do centro do saber, guarda da memória, com intuito de engrandecimento da ciência

e da cultura ocidentais, constituindo um papel fundamental na disseminação da cultura leitora, a Biblioteca de Alexandria sofreu um incêndio o que provocou sua total destruição.

Já, a região de Pérgamo, atual Turquia, desenvolveu o formato em pergaminho, justamente por conta de uma proibição de importação do papiro, utilizado em Alexandria. Tal substituição levou à confecção de um material produzido à base de uma folha fina de pele de ovelha ou cabra. A proibição da exportação do papiro para Pérgamo, pelo rei Ptolomeu V, egípcio, visava à tentativa de dificultar o crescimento da Biblioteca de Pérgamo, preservando a Biblioteca de Alexandria o título de maior importância em quantidade e qualidade (BÁEZ, 2004).

Quase à sombra, ferozmente ignorada, a história da biblioteca de Pérgamo é, apesar de seu misterioso desaparecimento, um marco tão fascinante quanto a biblioteca de Alexandria, de que foi rival. Segundo Estrabão, foi fundada pelo rei Eumênio no século II a. C., com a intenção de provocar os monarcas de Alexandria (BÁEZ, 2004, n.p).

Assim sendo, a Biblioteca de Pérgamo, com cerca de 200.000 (duzentos mil) pergaminhos, traz consigo uma independência de gregos e romanos em relação aos egípcios, diante da inserção do pergaminho. Dessarte, tanto a Europa quanto a Ásia se beneficiaram em relação à propagação de conhecimento na época, por intermédio desse centro de referência cultural.

Pérgamo, segundo relato bíblico, registrado no livro de Apocalipse<sup>4</sup>, representa, outrossim, uma das sete igrejas (cada uma em uma cidade), que receberam as cartas de revelação escritas pelo apóstolo João, enquanto estivera preso na ilha de Patmos<sup>5</sup>.

O livro do Apocalipse era originalmente uma carta circular enviada para sete igrejas da Ásia (Ap 1.4): Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia. Esta carta circular deveria ser lida perante a congregação que se reunia em cada uma dessas cidades (LIMA, 2012, p. 81).

A cidade de Pérgamo, onde se situava tanto a biblioteca quanto a igreja, tornou-se um notável centro da civilização, enquanto polo religioso e cultural na época. No entanto, de acordo com Silva e Tada (s.d.), ser cristão em Pérgamo não era simples:

A Igreja de Pérgamo se manteve firme apesar da pressão externa. Porém alguns integrantes passaram a professar “falsas doutrinas”, ou seja, uma doutrina diferente da que a Igreja acreditava, e portanto, era considerada falsa. Como consequência, antigas práticas pagãs haviam se infiltrado na Igreja. Para essa Igreja só restavam duas opções, o arrependimento, ou a condenação (SILVA; TADA, s.d., p. 3).

De acordo com a história bíblica, a cidade obtinha um grande envolvimento com a idolatria, em adoração a diversos deuses, como, por exemplo, Asclépio, considerado o deus da cura. O tempo desse deus era repleto de víboras, simbolizando a cura para quaisquer enfermidades mediante contato direto com tais animais.

Provavelmente, devido ao caráter de cientificidade que resvalava a região com sua imponente biblioteca – atraindo estudiosos e pesquisadores da época, principalmente na área da medicina, cujo símbolo é a serpente –, acentuava-se o distanciamento de práticas doutrinárias. Pois, de acordo com Lima (2012, p. 128), “em Pérgamo havia uma igreja fiel, no sentido de não capitular diante da perspectiva do martírio, seu grande problema, contudo, estava no aspecto doutrinário”.

Biblicamente, a serpente, por sua vez, faz alusão ao primeiro pecado da humanidade, registrado no livro de Gênesis, com o episódio da desobediência de se comer o fruto da árvore da vida no Jardim do Éden<sup>6</sup>. A árvore é apresentada e registrada, em Gênesis, como a árvore do conhecimento do bem e do mal, com a proibição instituída por Deus a Adão de não se comer do fruto.

E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás (GÊNESIS, 2:16,17)

A tentação de desobedecer envolvia obter conhecimento antes de aprender a obedecer. A figura da serpente, metaforicamente, representava a criatura sagaz, astuta e esperta, além de contrária à figura de Deus. Em diálogo com Eva, o animal instiga Eva ao descumprimento da proibição e, assim, à desobediência.

Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o SENHOR Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim? E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis para que não morrais. Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal. E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais. E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi. E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a fera, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar (GÊNESIS, 3:1-15, grifo nosso).

Em Apocalipse, como todo texto literário, utiliza-se de intertextualidade, referindo-se não somente em relação entre um texto e outro, mas ao curso de influências contínuas. Em intertextualidade e analogamente, na atualidade, a religião (fé) e o conhecimento intelectual (ciência) raramente apresentam alguma simbiose.

A *fortiori ratione*, naquela época, essa relação era muito mais discrepante. Talvez, uma das razões de Pérgamo ser apontada como uma igreja tão distante dos preceitos considerados bíblicos se justifique por estar em uma cidade caracterizada, também, como uma fonte científica, abrigando a segunda maior biblioteca da antiguidade na mesma cidade.

Desse modo, tais apontamentos traçam um percurso epistemológico que lança indícios de uma correlação, sob reflexões e análises, em assincronia, em referência à razão e à crença, ao conhecimento científico e à fé, à ciência e à religião.

Com a raiz das bibliotecas delineadas, expandiremos para o caule, cujo percurso tentará alcançar os ramos das bibliotecas contemporâneas, percorrendo as folhagens das bibliotecas físicas às bibliotecas digitais, frutificadas em midiatecas e multitecas.

## 2. POLINIZAÇÃO: OS ESPAÇOS TECAS DE LEITURA

Historicamente, de Alexandria e Pérgamo aos dias atuais, as bibliotecas apresentam-se como lugares de confrontos e tensões. Espaços onde se instalam as histórias e conhecimentos de uma época, ressoam consonâncias e dissonâncias, com suas tradições e contradições.

A história das bibliotecas no Ocidente é indissociável da história da cultura e do pensamento, não só como lugar de memória no qual se depositam os estratos das inscrições deixadas pelas gerações passadas, mas também como espaço dialético no qual, a cada etapa dessa história, se negociam os limites e as funções da tradição, as fronteiras do dizível, do legível e do pensável, a continuidade das genealogias e das escolas, a natureza cumulativa dos campos de saber ou suas fraturas internas e suas reconstruções (JACOB, 2000, p. 11).

Nas últimas décadas do século XX e mais, acentuadamente, no início do século XXI, mudanças em todos os âmbitos sociais e transformações nas instituições bibliotecas são instauradas. Como constructo cultural, a biblioteca reconstrói-se em suas variantes, mesclando-se ao tecido social e, por conseguinte, às reconfigurações das civilizações.

Os avanços tecnológicos propiciam essas novas concepções e novos paradigmas – ocasionando continuidade evolutiva ou, até ruptura de práticas pré-estabelecidas – associados aos anseios e necessidades de adequação às tendências sociais.

No entanto, o contexto contemporâneo – por vezes, terreno hostil e inóspito para acolhimento de novas formatações, mediante o desconhecimento, falta de preparo das instituições e políticas públicas voltadas para seu desenvolvimento em setores públicos; outras vezes terreno fértil, diante da presença de inúmeras grandes empresas mundiais estarem vinculadas às novas formatações em setores

privados, como a Google e Apple, por exemplo – se estabelece em tensões contraditórias.

Enquanto espaços privilegiados de leitura, as bibliotecas físicas e tradicionais – com coleções, coletâneas, acervos, antologias, seleções, compilações, copilações, mananciais, repertórios, repositórios e inúmeros outros patrimônios materiais – possibilitam íntimos desejos, imagens, viagens, histórias, aventuras, desventuras, refúgios e conhecimentos, proporcionados pelos sentidos das palavras que oferecem experiências de fabular e confabular.

Entretanto, as diretrizes e funções da biblioteca têm sido traçadas no decorrer do tempo e espaço, sempre refletindo as necessidades das civilizações, adquirindo sentidos a partir da urdidura de inúmeras variáveis.

Em sentido contemporâneo, o lócus de leitura não se refere simplesmente à materialidade livresca, mas a toda compilação de registros de dados em inúmeros e diversificados suportes, sejam físicos, eletrônicos ou digitais, ampliando a noção de posse e guarda para acesso e compartilhamento, em arenas permeadas de infinitudes, os acervos e serviços.

Tais reconfigurações tornam-se arado para uma expressão que abriga novas experiências desses espaços de leitura, considerados também espaços culturais. Como uma primeira ampliação às formatações, a biblioteca digital está dimensionada para ser gerida de um ponto específico, seu ponto de existência (point of begin) física, podendo ser replicada indefinidamente em todo e qualquer lugar, sem a necessidade de aquisição de novos conteúdos, visto estarem já disponibilizados de modo digital. Dilatam-se as características de posse e guarda, para acesso e compartilhamento, visto que o fato de ser digital não elimina a aquisição.

O ponto de existência pode ser entendido como o núcleo geral de um sentido de ser, um lugar de síntese de tempo e espaço, de mente e corpo, de sentimento e consciência que transcende modelos de realidade regidos por um regime visual. Implica um estado expandido de percepção e consciência. Ele exige que todo o corpo entre em ação. Sinto imediatamente essa correspondência na vida cotidiana, como me vejo como um todo que me inclui (instantaneamente) (KERCKHOVE, 2014 apud KERCKHOVE; ALMEIDA, 2015, pp. 12,13, tradução nossa)<sup>7</sup>.

O ponto de existência, segundo o autor, é um campo de sensação sem limite, em estado de expansão de percepção e consciência, vivenciado por qualquer um que experiencie a transcendência de modelos de novas visualidades, em relação a tempo e espaço. Tomando como mote a pesquisa, uma biblioteca digital tem a possibilidade de oferecer seu acervo digitalmente para todos, indistintamente, integrando os vários conteúdos já disponíveis e trabalhando pela disponibilização de novos títulos, em todo o tempo e em quaisquer lugares.

De acordo com Dwight Conquergood, etnógrafo canadense:

A fim de acompanhar o ritmo desse mundo, pensamos agora em "lugar" como um cruzamento de forte tráfego, um porto de escala e intercâmbio, em vez de um território circunscrito. Um limite é mais parecido com uma membrana do que com uma parede. Na teoria cultural atual, a "localização" é imaginada como um itinerário em vez

de um ponto fixo. Nossa compreensão do “contexto local” se expande para abranger os movimentos históricos, dinâmicos e frequentemente traumáticos de pessoas, ideias, imagens, mercadorias e capital. Já não é fácil separar o local do global: as circulações transnacionais de imagens são retrabalhadas no terreno e redistribuídas para lutas locais e táticas. E os fluxos globais são simultaneamente sobrecarregados e energizados por essas reformas locais. Agora estamos cientes de que o “local” é uma construção contingente e fugaz, e que as forças globais são absorvidas, lutadas e refratadas para fins específicos do local (2002, p.145, tradução nossa, grifo do autor).<sup>8</sup>

Quando o autor acima cita a metáfora da membrana em detrimento à parede, ele coaduna com o pensamento de fluxo contínuo e arraigado do lugar na pessoa, compreendido como experiência obtida, o que corrobora com Rocha (2018a) pelo entendimento de que não se tira o lugar de alguém, exatamente por ser fruto de experiências sociais, determinantes em pensamentos e ações.

O campo da cultura se firma na coletividade, como traços de compartilhamento social. A cultura é indelevelmente gravada nas pessoas exatamente pelo compartilhamento e pela experiência, e de tal modo o é que damos razão ao dito popular de que podemos tirar uma pessoa de um lugar, mas será muito mais difícil tirar esse lugar da pessoa, entendido como experiência tida. De igual modo, podemos definir que uma pessoa não nasce em uma cultura, mas a cultura nasce em uma pessoa, exatamente por conceber que a cultura é fruto das experiências sociais, que constitui, no sujeito, gostos, valores, modos de ser, pensar e agir. É nesse lastro que se torna possível contextualizar pessoas, inferindo sobre seus costumes, seus valores e modos de pensar e agir (ROCHA, 2018a, pp. 28, 29).

Conquergood (2002) estabelece um movimento dinâmico, diante da expansão de territórios, em concordância, novamente, com Rocha (2018a) no aspecto do compartilhamento. O fluxo oportunizado por reestruturações das tecas de leitura ao invés da utilização de materiais físicos de linguagem primam pelos acessos e compartilhamentos, enquanto novas e distintas experiências humanas, na metáfora do itinerário em oposição ao espaço fixo, citado por aquele.

E ainda se tratando de campo de extensão, o conceito H (Ambiente de Gestão de Aprendizagem – AGA) resvala o conceito de não se fixar em um ponto específico, havendo possibilidade de convergência na rede.

O Ambiente de Gestão da Aprendizagem (H) é um espaço reduzido onde cabem discussões e bate-papo e vários endereços ou formas de acesso, fora do módulo H. Uma pequena sala de orientação. Todo o material de apoio estará distribuído na Internet, e em construção. O controle não se dá pelo acesso ou pela permanência em um ponto específico, falsa medida de aferição que escamoteia o objetivo da atividade. Retomamos o princípio da avaliação, deixando de lado a relação análoga de aferição de presença, na modalidade presencial, a partir de acessos ou frequência. Assumimos a educação a distância como ela é. O que nos apontam os resultados são os relatos, descobertas, conquistas, enfim, o aprendizado (ROCHA, 2018c, p. 4).

Para o autor, o conceito H aplica-se como alternativa mais eficaz em relação ao AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), diante de maior autonomia, impacto, por meio de uma prática contemporânea de comunicação, na compreensão de que sala de aula é designada como um conceito e não um espaço.

No caso da biblioteca, não há designação de mudança do termo pela sua reconfiguração, atribuída a novas possibilidades que não se encerram na materialidade do livro, em função de sua caracterização de materiais de leitura, não importando seus formatos.

Será preciso buscar em outro lugar a razão que o entrecruza e os tece um no outro. É como se o arquivo fosse atravessado por uma grande falha, que põe, de um lado, a forma do visível, de outro, a forma do enunciável, ambas irredutíveis. E é fora das formas, numa outra dimensão, que passa o fio que as costura uma à outra e ocupa o entre-dois (DELEUZE, 2004, p. 121).

Pontualmente, conforme Deleuze (2004) sustenta nos arquivos, fora das formas, na coesão dos formatos ora visíveis, ora enunciáveis, em um entrecruzamento conceitual, que os espaços físicos e digitais das bibliotecas se preservam.

Os entremeios perpassam as bibliotecas tradicionais a partir das bibliotecas digitais, ainda que diante de um ilusório e precipitado cenário apocalíptico, as tradicionais se mantêm, mesmo não atuando de forma integrada às bibliotecas de formato digital. No entanto, atualmente, mais acentuadamente, não se constituem como espaço privilegiado de fontes de informação, pesquisa, conhecimento e, até mesmo, entretenimento.

E nesse entremeio, os livros físicos também se apresentam com novas formatações, vivendo aos brotos de transformações que respondem antes às demandas do contexto social. A versão digital do livro vem se alterando com a digitalização, impactando o contexto de cultura de leitura.

No contexto do livro impresso, a evolução de organização informacional, específica de arquivos computacionais, permite ao leitor intervir infinitamente mais do que outrora, não desmistificando totalmente a definição de posse e guarda, visto que os livros digitais também são adquiridos por meio de compras. O que ocorre é a concessão de direito ao acesso, diferentemente da posse. A partir do salvamento, tem-se a guarda do conteúdo disponibilizado, porém se tudo é disponível, perde-se a função de baixar e guardar, pois conteúdos encontram-se em todo o lugar em qualquer tempo e hora na rede.

Muito embora a ideia de pertencimento permaneça mesmo diante da (i)materialidade do acervo como algo (con)sagrado, agregam-se aos arquivos digitais os conceitos de acesso e compartilhamento.

Em decorrência disso, as bibliotecas digitais, em que os elementos físicos restritos *in loco* são eximidos, apresentam a existência desses elementos disponíveis, cujo acesso e, mesmo, compartilhamento tornam-se condição *sine qua non* para sua constituição, remoldando parte de seu conceito e formato *a priori* estabelecido. Todavia, compreende-se que não é a caracterização de material ou imaterial que estabelece uma mudança de conceito, mas, muito mais, uma questão cultural.

A leitura e o leitor descobrem novas formas de se construir, fazendo ver que livro, pedra, argila ou pixel são formas de apresentar o pensamento, não de moldar suas formas de existir. A escrita, ao longo de pouco mais de cinco mil anos, experimentou várias condições materiais de apresentação, mas o pensamento é que desafia o tempo, inscrevendo-se na cultura, nos vários estágios, métodos, materiais e tecnologias que ela experimenta (ROCHA, 2017).

Nessa paisagem, o leitor contemporâneo perpassa por novos ritmos e sensações evanescentes e fugazes, diante de novas configurações de leitura, dessacralizando o objeto livro materializado. Pois, a fluidez computacional tem se aproximado, de modo indutivo, ao mundo natural, estando o digital contido nele.

E adubar a visualidade que sustenta a representação da materialidade livresca em e-books tem sido a tônica de inúmeros sistemas computacionais, ancorados na lógica metafórica de buscar objetificar a experiência de leitura digital, mediante interações que representam o livro impresso. Contudo, a relação visual representativa do livro digital com seu correlato físico não torna a experiência um objeto em si.

Na antiguidade, a biblioteca, sempre com a conotação de guarda e depósito de materiais escritos, complexifica-se na atualidade, em tecas diversas. Partindo, da germinação das (biblio)tecas físicas e digitais, florescem as midiatecas e as multitecas, configuradas como os novos espaços de leitura e conhecimento do século XXI, com novas estruturas físicas e funcionais. Dessarte, o acesso ao conhecimento e à informação no espaço sistêmico e na rede atingem o espaço do entremear, justamente, pelas possibilidades de integração de novas formatações.

As midiatecas são espaços midiáticos de acesso à leitura e ao conhecimento, com coleções de itens de mídia, embora haja, na maior parte das vezes, um erro semântico ao nominar o dispositivo e não o conteúdo. Uma midiateca, em sentido lato, é uma coleção de mídias com conteúdos, e não uma coleção de conteúdos de várias mídias. As midiatecas, por assim dizer, também unidade de informação e centro de documentação como as bibliotecas, distinguem-se dessas pela disponibilização do acesso ao conhecimento por meio de diferentes suportes e tecnologias da informação.

Midiateca é um termo que vem sendo utilizado para evidenciar um novo tipo de biblioteca é utilizado principalmente nos Estados Unidos, França, Portugal e na República de Angola, essa denominação vem marcar o caráter inovador da biblioteca, devido à inserção de novos suportes informacionais, tais como: DVDs, vídeos, discos ópticos, dentre outros (MARINHO; PEREIRA; PEREIRA, 2013, p. 2).

Diante da inserção de novos suportes informacionais, seu conceito foi redimensionado, sendo que novas funções foram incorporadas ao espaço. Com a concepção de meio, surgiu o termo midiateca, o meio que não se restringe a texto, mas expande para a acumulação de diversas mídias em um só espaço.

De acordo com Marinho; Pereira; Pereira (2013), na midiateca o texto se irradia a partir da “fala, música, desenhos, fotos, cinema, vídeo e outros materiais como a base eletrônica digital do computador” (p. 4). E o portal da Rede de Mediatecas de Angola, reitera e complementa o conceito a “um centro que abriga, organiza, classifica e disponibiliza aos meios de visualização e consulta”.

É necessário se ater que não há uma tensão dos espaços biblioteca e midiateca, apenas uma necessidade de adaptação, diante das demandas socioculturais, na concepção e organização de diferentes espaços dentro da biblioteca, porém ambas apresentam a mesma função de preservar e democratizar a informação e o conhecimento. As poucas midiatecas existentes não surgiram por si sós, mas a partir de bibliotecas já existentes, perante a reconhecida e inevitável necessidade de adaptação aos avanços tecnológicos sociais.

Na era digital, caracterizada pelo acesso e pelo compartilhamento, os termos não resistem à amplitude dos conteúdos já disponíveis, no que se define como multiteca o espaço destinado ao acesso e compartilhamento de multiconteúdos, digitalmente. Pois, segundo Rocha (2018b):

A passagem de uma cultura de posse e guarda para uma cultura de acesso e compartilhamento é fato, embora também seja fato que mudanças culturais não ocorram em breve espaço de tempo. A perspectiva de mudança já era notada na caracterização das gerações Baby Boomers, X, Y e Z, em serviços como Uber e AirBnb, em comportamentos socioculturais com o uso de tecnologias baseadas em mídias sociais e na produção de conhecimento, com uma tendência para publicações científicas em plataformas gratuitas, chamadas *open access*.

O que representa uma abrangência ao termo midiateca, com o prefixo multi, na indicação de ultrapassar os conteúdos midiáticos, agregando multi possibilidades de experiência de acesso tanto de forma física, quanto digital, por assim dizer. Luís Milanesi, em seu livro "A casa da invenção", cuja primeira edição é do fim do século XX, preconizava ressignificar a biblioteca como centro de cultura, com atividades múltiplas, além de meramente guardar livros e servir como espaço silencioso e sisudo de leitura, no entanto, ainda sem inserir a conectividade como fator preponderante para esse processo.

Assim, o conceito multiteca se espraia em todas as tecas, desde coleção de livros (bibliotecas), de conteúdos midiáticos (midiatecas), de periódicos (hemerotecas), de filmes (filmotecas ou cinematecas), de documentos sonoros (fonotecas), de discos (discotecas), de quadros de pintura (pinacotecas), de vídeos (videotecas), de gibis (gibitecas), de mapas (mapotecas), de brinquedos (ludotecas ou brinquedotecas), de material e documentos relacionados à música (melotecas), dentre tantas outras tecas.

Tais tecas dispostas para acesso público ou não, tiveram suas palavras formadas pelos radicais identificadores dos objetos, adicionados à desinência teca, com o significado de caixa ou coleção. Do mesmo modo que correlativamente, há o letramento para a prática de leitura de livros físicos em espaços físicos, também há o letramento digital para livros digitais em espaços digitais e multiletramento para espaços múltiplos.

Uma multiteca prima por uma característica de centro de documentação digital para acesso a livros, revistas, imagens, filmes, sons e quaisquer outros conteúdos suportados digitalmente, podendo ter sua existência física e digital. No espaço físico, há dispositivos para acesso ao conteúdo e, no digital, a disponibilização dele (ROCHA, 2018b). Desse modo, busca-se uma otimização centrada na premissa de acesso e compartilhamento de conteúdos, sem a perspectiva restritiva in loco de estantes e prédios. Na modalidade de multiteca,

os conteúdos podem ser acessados, reproduzidos, compartilhados e indicados, tendo uma potência de reprodutibilidade que uma biblioteca tradicional não viabiliza.

A proposta neste estudo é, também, bosquejar os espaços das multitecas – tão incipientes e escassos de configurações formalizadas, devido, justamente, ao recente surgimento em caráter inovativo –, discutindo tendências e desafios mais significativos com o acesso às tecnologias emergentes, impactando as formatações das bibliotecas do século XXI.

Uma multiteca, como centro cultural público e aberto à comunidade, pode oferecer cursos, oficinas, palestras, além de apresentações musicais, dança, teatro, exposições, saraus e uma infinidade de outras opções, com a disponibilização em inúmeros outros pontos de acesso, de acordo com seu desenho configurativo. Atualmente, como exemplo desse paradigma com essa nova configuração de espaço de leitura, tem-se o Centro Georges Pompidou, em Paris, como um complexo com uma Biblioteca Pública de Informação, em conjunto com o Museu Nacional de Arte Moderna, além de um Centro Cultural.

**Figura 3:** Interior do Centro Georges Pompidou, em Paris



Fonte: Acervo pessoal

Considerando o potencial inventivo e a expressão singular, este estudo parte de uma orientação de diálogo com todas as possibilidades de acesso ao conhecimento, com um viés inovador, estimulando o aprendizado, como projeto que visa o desenvolvimento de habilidades significativas, sempre com o insigne interativo.

O espaço da multiteca se adensa na propositura de proporcionar experiências para além de simples espaços de leitura tradicional ou midiático, com novos olhares para a inserção tecnológica, não se tornando apenas esse quesito o aspecto inovador do espaço, agregando as possibilidades infindas das múltiplas tecas e, principalmente, da potencial conectividade com o acesso à internet, um diferencial das midiatecas.

O protagonismo é basilar na proposta da multiteca, entremeado com o conceito de tecnologias assistivas. De acordo com Souza et al (2018):

A Tecnologia Assistiva (TA) é vista como o resultado da aplicação de avanços tecnológicos em áreas já estabelecidas. É uma disciplina de domínio de profissionais de várias áreas do conhecimento, que interagem para restaurar a função humana. Os recursos de Tecnologias Assistivas podem variar de uma simples bengala a um complexo sistema computadorizado (2018, p. 28).

Desse modo, serviços, dispositivos e estratégias que visem propiciar maior autonomia e independência são partes da composição da multiteca. Como exemplos, há desde equipamentos tecnológicos a softwares especiais de acessibilidade.

Tais ações voltadas para a inclusão e acessibilidade, tanto na estrutura física com a arquitetura do local a softwares e equipamentos especializados, priorizam capacitações em ações comportamentais por toda a equipe gestora e de atendimento, incluindo bibliotecários especializados por áreas e consultoria, pois requer prévio conhecimento e planejamento em sua execução.

A pretensão é que tais espaços sejam dimensionados para acomodação confortável do público, com segurança para os equipamentos e a jovialidade temática na definição de cores e mobiliário, primando por um designer inovador. Outrossim, a multiteca pode ser acessada pela internet, de qualquer lugar e com quaisquer dispositivos, atingindo a população em geral, e não apenas seu locus pertencente. Essa parte estrutural é vital para sua existência e permanência.

Ademais, muito mais que um espaço caracterizado como inovador de leitura, práticas inovativas são necessárias para se conceber uma multiteca em uma proposta de espaço contemporâneo. Nisso, a característica de imediato que aflora é a inclusão digital. Para tanto, a conectividade é basilar em sua concepção, no sentido de acesso ao conteúdo via internet em todo e qualquer espaço, indiscriminadamente.

Como a midiateca, a multiteca não invalida a instituição biblioteca. Todas cooperam para a divulgação e popularização do conhecimento, via acesso à leitura. O que o escrito busca esclarecer é que adaptações a esses espaços se tornaram prementes para se pensar, estudar, analisar e implantar projetos de espaços dessa natureza aos padrões do modelo de uma biblioteca do século XXI, com todas as inovações tecnológicas desse tempo incorporadas a esses novos projetos.

### **3. COLHEITA DE SENTIDO**

O estudo inseriu um exercício de cultivo de compreensão de classificação dos espaços diferenciados de leitura, enxertados por alterações mediante inovações, levando-se em consideração espaço e tempo flexíveis, alterados e redimensionados nesse contexto contemporâneo.

O rebento dos conceitos de (biblio)(midia)(multi)tecas apresentou relações balizares, não fronteiriças, de deslocamentos, no que tange ao acesso e até mesmo compartilhamento de conteúdos de leitura.

Nessa abordagem, o estudo aflorou o entendimento das bibliotecas contemporâneas como possibilidade de se tornarem espaços orgânicos que vigoram nos férteis terrenos sociais, como lavouras reprodutoras de sementes do devir, de acordo com traçados orientadores em meio às contingências atuais.

No entendimento de que não se elide a compreensão do espaço material, sistêmico, funcional, esse atual espaço contemporâneo de leitura e acesso ao conhecimento é significado enquanto novo hábitat urbano e fértil, com essência reprodutiva.

O florescimento e o desabrochar de novos significados a esses novos espaços podem ser potencializados e expandidos, por meio de implantação e apoio de políticas públicas culturais que incentivem e possibilitem a existência e desenvolvimento de ações propostas, promovendo mudanças nos cenários ressequidos de políticas públicas da área, convocando os atores sociais para cultivarem novas visualidades de realização, intervindo e produzindo um campo florido de transformações sociais.

Muito além de sucedâneas ou limítrofes, as bibliotecas contemporâneas se constituem amalgamadas em propósitos, enriquecendo experiências possíveis nesses espaços plurissensoriais.

## Biblio/media/multi(theca): substitutes, borderlines or amalgams?

### ABSTRACT

This article aims to deal with contemporary cultural contexts, with regard to reading spaces (libraries, media libraries and multi-libraries), through new configurations of access and content sharing. Methodologically, a research is based on a bibliographic and descriptive study, with a qualitative approach in diachronic analysis. Starting from the first two legitimate institutions, based on an anthological study of the main sources reached worldwide - 3rd century BC. C. -, the Library of Alexandria and the Library of Pergamum, an analysis jumps to the contemporary, discussing the logic of making available reading materials in characterizing not only spatial and physical, but in its functionality, due to the diversity of teak (collections), given the demands of contemporaneity. In this sense, the locus of reading does not refer simply to free materiality, but to the entire compilation of data records in numbers and diverse supports, whether physical, electronic or digital, expanding the notion of possession and custody for access and sharing the collections and services. The proposal in this study is also the analysis of the spaces of the reading spaces, culminating in the concept of multi-libraries - so incipient and scarce of formalized configurations, due, precisely, to the recent emergence in an innovative character -, discussing more advanced trends and challenges with access to emerging technologies, impacting the formatting of 21st century libraries. To this end, the writing seeks to clarify that adaptations to these spaces are urgent to think, study, analyze and implement projects of spaces of this nature to the standards of a contemporary library model, with all the technological innovations of that time incorporated into these new projects.

**KEYWORDS:** Libraries. Media libraries. Multi Libraries.

## NOTAS

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-biblioteca>. Acesso em: 22 fev. 2020.

<sup>2</sup> Do latim "*cunabulum*" — berço. O termo foi inicialmente empregado para designar os primeiros livros impressos calcados sobre o manuscrito; seriam, aproximadamente, os livros impressos na Europa ocidental até 1500 e na Europa setentrional até 1550. Posteriormente o termo tomou sentido mais genérico, passando a designar os primeiros livros impressos de um país, independentemente de suas características ou de data. (LECOQ-MULLER, 1951, p. 4).

<sup>3</sup> Artistic Rendering of "The Great Library of Alexandria" by O. Von Corven from Tolzmann, Don Heinrich, Alfred Hessel and Reuben Peiss. The Memory of Mankind. New Castle, DE: Oak Knoll Press, 2001. Disponível em: <https://ils.unc.edu/dpr/path/alexandria/>. Acesso em: 13 fev. 2020.

<sup>4</sup> Apocalipse 2: 12-17.

<sup>5</sup> Apocalipse 1: 9.

<sup>6</sup> Gênesis 3.

<sup>7</sup> The point of being could be understood as the general core of a sense of being, a place of synthesis of time and space, of mind and body, of feeling and consciousness that transcends models of reality ruled by a visual regimen. It implies an expanded state of perception and consciousness. It calls for the whole body to come into play. I feel immediately this correspondence in everyday life, as I perceive myself as a whole that includes me (instant present) (KERCKHOVE, 2014 apud KERCKHOVE; ALMEIDA, 2015, pp. 12, 13).

<sup>8</sup> In order to keep pace with such a world, we now think of "place" as a heavily trafficked intersection, a port of call and exchange, instead of a circumscribed territory. A boundary is more like a membrane than a wall. In current cultural theory, "location" is imagined as an itinerary instead of a fixed point. Our understanding of "local context" expands to encompass the historical, dynamic, often traumatic, movements of people, ideas, images, commodities, and capital. It is no longer easy to sort out the local from the global: transnational circulations of images get reworked on the ground and redeployed for local, tactical struggles. And global flows simultaneously are encumbered and energized by these local makeovers. We now are keenly aware that the "local" is a leaky, contingent construction, and that global forces are taken up, struggled over, and refracted for site-specific purposes. (CONQUERGOOD, 2002, p. 145).

<sup>9</sup> TV, rádio, jornal, revista, blogs, vlogs, redes sociais e outros.

<sup>10</sup> Mediateca (termo internacional); MEDIATECA (termo aporuguesado).

---

## REFERÊNCIAS

BÁEZ, Fernando. **História Universal da destruição dos livros das tábuas suméricas à guerra do Iraque**. Tradução Léo Schlafman. Ediouro. 2004. Disponível em: <http://www.uel.br/cc/dap/wp-content/uploads/2017/05/História-Universal-da-Destruição-dos-Livros-Fernando-Baez.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2020.

BÍBLIA, Português. Apocalipse. In: **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

CONQUERGOOD, Dwight. **Performance Studies: Interventions and Radical Research**, TDR: The Drama Review, vol. 46, n. 2, (T174, Summer). 2002. Disponível em: <http://www.csun.edu/%7Evcspc00g/301/psinterventions-tdr.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2020.

CORVEN, O. Von. **The great library of Alexandria**. From Tolzmann, Don Heinrich, Alfred Hessel and Reuben Peiss. The Memory of Mankind. New Castle, DE: Oak Knoll Press, 2001. Disponível em: <https://ils.unc.edu/dpr/path/alexandria/>. Acesso em: 13 fev. 2020.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.

FLOWER, Derek. **Biblioteca de Alexandria: as histórias da maior biblioteca da antiguidade**. Tradução Otacílio Nunes e Valter Ponte. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. 215 p.

GRAMÁTICA.NET.BR. Conhecimento da Língua Portuguesa. **Etimologia de Biblioteca**. Categoria: Origem das palavras. Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-biblioteca>. Acesso em: 22 fev. 2020.

JACOB, Christian. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Orgs.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

KERCKHOVE, Derrick de; ALMEIDA, Cristina Miranda de. From point of view to point of being. In: **Poéticas Visuais**, Bauru, v 6, n. 1, p. 116-129. 2015. Disponível em: <http://www.poeticasvisuais.com.br/wp-content/uploads/2016/03/V6N1-final-Destaques.pdf>. Acesso em 23 fev. 2020.

LECOCQ-MULLER, Nice. **A imprensa, o incunábulo e a emancipação do livro impresso**. v. 3 n. 8 (1951). Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/35022>. Acesso em: 23 fev. 2020.

LIMA, Leandro Antônio de. **Apocalipse como literatura**: um estudo sobre a importância da análise da arte literária em apocalipse 12-13. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo. 2012.

MARINHO, Raimunda Ramos; PEREIRA, Lilia de Jesus Silva; PEREIRA, Liliane de Jesus Silva. Midiateca: uma nova terminologia ou um conceito ampliado de biblioteca? In: **XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documento e Ciência da Informação** – Florianópolis, SC, Brasil, 07 a 10 de julho de 2013. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1415/1416>. Acesso em: 2 mar. 2020.

MILANESI, Luiz Augusto. **A casa da invenção**: biblioteca, centro de cultura. 3.ed. rev. e amp. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.

**PORTAL DA REDE DE MEDIATECAS DE ANGOLA**. Disponível em: <http://www.mediatecas.gov.ao/ao/gca/index.php?id=38>. Acesso em: 2 mar. 2020.

ROCHA, Cleomar. O pensamento e sua permanência na cultura. In: **Diário da Manhã**. n. 10.888. p. 20. Caderno: Opinião Pública. 07/08/2017.

\_\_\_\_\_. Pensamento sobre a cultura. In: **Cultura e Pensamento**: políticas públicas culturais e cultura de Fronteiras / organizadores, Cleomar Rocha e Magali Guedes de Magela Moura – Goiânia: Gráfica da UFG, 2018a. 220 p.

\_\_\_\_\_. Conectividade: a cultura do acesso e do compartilhamento. **Diário da Manhã**. n. 11.335. p. 19. Caderno: Opinião Pública. 29/10/2018b.

\_\_\_\_\_. De prisões e aprendizagens em rede: AVA e o conceito H. In: **Revista Anápolis Digital**. Vol. 5, n.1, 2018c. ISSN 2178-0722. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1XrugYIUFGlHiL3hrJH0nGfE-qGlhxVOj/view>. Acesso em: 2 mar. 2020.

SILVA, Bianca Martins da; TADA, Elton Vinícius Sadão. Estudo sobre a linguagem visionário-apocalíptica contida na narrativa bíblica do livro de Apocalipse de João. (s. d.) **VIII EPCC: Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar UNICESUMAR – Centro Universitário Cesumar**. Editora CESUMAR. Maringá. Paraná.

SONZA, Andréa Poletto; SALTON, Bruna Poletto; NERVIS, Lael; CAINELLI, Rodrigo. Centro Tecnológico de acessibilidade do IFRS – produção de tecnologia assistiva de baixo custo. In: **Acessibilidade: práticas culturais e tecnologia assistiva para a cidadania / organização**, Ana Bandeira, Cleomar Rocha e Vanessa Santana. – Dados eletrônicos – Goiânia: Gráfica UFG, 2018.

**Recebido:** 12 jun. 2020

**Aprovado:** 28 fev. 2021

**DOI:** 10.3895/rl.v23n41.12566

**Como citar:** RODRIGUES, Olíra Saraiva. Biblio/mídia/multi(tec): sucedâneas, limitrofes ou amálgamas? *R. Letras*, Curitiba, v. 23, n. 41 p. 53-73, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>. Acesso em: XXX.

**Direito autor:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

